

Florestan Fernandes e a fundamentação empírica da sociologia no Brasil.

Ricardo Ramos Shiota¹.

Resumo: A divisão entre pesquisas empíricas e teóricas em sociologia ganhou um tratamento especial com a pretensão dos sociólogos de legitimar cientificamente a disciplina. Este trabalho volta-se, por meio de uma leitura imanente, para a solução proposta por Florestan Fernandes, a de uma teoria da investigação sociológica posta em prática, apresentando um dilema presente em seu projeto de fundamentar empiricamente a sociologia no Brasil posteriormente resolvido.

Abstract: The division between the empiric and theory researches in sociology acquired a special treatment with the pretension of the sociologists to scientifically legitimate the discipline. This work is directed, through an intrinsic reading, to the solution proposed by Florestan Fernandes of a sociological investigation of theory that is practiced, presenting a dilemma found in his project the empirically based sociology in Brazil later resolved.

Palavras-chave: Florestan Fernandes, investigação sociológica, projeto científico.

Uma problemática de ontem e hoje.

Adorno², durante seu último curso ministrado em Frankfurt no agitado ano de 1968, um ano antes de sua morte, apresentou nas primeiras aulas a problemática constitutiva da sociologia que a acompanharia: a sua "face dupla". Sob o mesmo termo, a sociologia revela a divisão originária nos diferentes países em que surge entre um ideal científico-natural e um ideal filosófico secularizado, reunidos sob sua chancela. Em razão de sua origem e desenvolvimento histórico duplos, a sociologia divide-se em duas linhas paralelas de desenvolvimento em países como Alemanha, França, Inglaterra e Estados Unidos³. De um lado a tendência a explorar técnicas empíricas, tomadas da ciência da administração do século XVIII e dos ideais científico-naturais, de outro, uma herança filosófica que acreditando valer-se de uma teoria correta facultaria a condução da sociedade, ainda que suas funções originárias se prestassem ao alargamento e melhoramento do sistema existente. É manifesto que a divisão entre pesquisas empíricas e pesquisas teóricas, apesar das soluções oferecidas, ainda hoje perturba os sociólogos e mantém os dilemas acerca de seu ofício e as funções políticas que ele acaba prestando, muitas vezes sem a clara percepção do problema.

Interessante que a formação das ciências sociais em São Paulo teve na figura de um de

¹Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP/FFC sob orientação de Aluisio Schumacher e financiamento da FAPESP.

² ADORNO, Theodor W. **Lições de Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2004.

³ Lepenies (1996) faz uma análise do processo social de autonomização discursiva pelo qual a sociologia europeia teria passado para que pudesse "fornecer a orientação-chave da modernidade", ou seja, tornar-se a doutrina capaz de responder os novos problemas advindos da sociedade industrial/burguesa. No seu desenlace com o discurso literário, a sociologia se viu impelida a imitar as ciências naturais, ao mesmo passo em que sua orientação hermenêutica lhe aproximava da literatura. Este dilema referencial teria determinado o surgimento e o desenvolvimento da história da sociologia, cujos embates contribuiriam para a distinção do fazer científico do fazer literário. Para o autor, o processo de diferenciação entre as ciências e a literatura não teria sido linear nem irreversível, mas circunscrito a algumas disciplinas e não com a mesma intensidade, pois seus traços teriam sido demarcados conforme os contextos nacionais apresentados pelo autor. Entre as ciências naturais, de um lado, e as ciências humanas, de outro lado, a sociologia se viu numa "situação precária", tendo que batalhar pela sua legitimidade. Na perspectiva de uma sociologia do conhecimento, Lepenies (1996) resgata alguns aspectos históricos do desenvolvimento, nos bastidores da autonomização da disciplina, marcado por conflitos que foram repostos, sobretudo, por meio de correspondências e biografias. Ver: LEPENIES, W. **As três culturas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

seus expoentes a preocupação de vincular teoria e pesquisa empírica rigorosamente. A questão é nítida no trabalho desse sociólogo, chegando mesmo a oferecer uma solução plausível dentro de seus referenciais e propósitos, os quais pretendemos elucidar. Trata-se de Florestan Fernandes (FF) e do fundamento que ele confere à sociologia no Brasil, por meio não apenas de suas pesquisas empíricas e contribuições teóricas, mas, sobretudo, ao ter elaborado e posto em prática uma teoria da investigação sociológica. FF identificava-se a uma segunda geração de sociólogos do século XX, como Merton, Le Play, Simiand, etc., ou seja, a um tempo marcado pela preocupação em fundamentar e legitimar cientificamente a sociologia por caminhos próprios. Passado o momento especulativo inicial, demandavam-se pretensões menores e recursos técnicos próprios de elaboração do material empírico, antes tomado de outras disciplinas, para que a sociologia, finalmente, se legitimasse como disciplina empírica autônoma⁴. Começamos pela apresentação da problemática e de alguns pressupostos adotados por FF no seu trabalho de fundamentar a sociologia como disciplina autônoma no Brasil.

Da apresentação de Merton⁵, acerca do problema da bifurcação da sociologia em dois tipos de desenvolvimento e de sua proposta de alguns axiomas, FF compartilha alguns elementos enquanto pressupostos de seu projeto científico-político de sociologia. Conforme ele, havia na sociologia duas indoles de trabalho investigativo: o primeiro preocupado com a formulação de sistemas totais de teorias através de um trabalho de erudição, generalizações e formulação de leis sociológicas; e, o outro, de pesquisadores empíricos, observadores minuciosos de objetos de pequena abrangência, sem preocupação com as orientações ou implicações teóricas de seus trabalhos. Esse duplo caráter poderia ser respectivamente identificado nas tradições européia e norte-americana.

A primeira tendência derivaria do fato de a sociologia ter surgido e buscado inspiração nos sistemas de teoria científica ou filosófica. Entretanto, esses sociólogos se equivocariam no que concerne à contribuição da experiência das ciências naturais, pois privilegiariam a teoria em vez de observações básicas acumuladas necessárias para o amadurecimento de uma disciplina, desconsiderando a longa trajetória das ciências naturais e biológicas. Tampouco estas haviam atingido um sistema completo de teoria, muito menos essa pretensão estaria ao alcance da sociologia, uma vez que estava cindida entre teoria e pesquisa empírica.

Longe de deduzir abstratamente uma teoria unificada e de ampla abrangência no estudo da sociedade, Merton⁶ defende a concepção de *teorias de médio alcance* para superar o obstáculo do desenvolvimento bifurcado, que compromete a autonomia científica da sociologia. Engendradas

⁴ Ver: FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

⁵ MERTON, Robert. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

⁶ Idem.

no âmbito das ciências físicas e naturais, as teorias de médio alcance poderiam ser utilizadas também por sociólogos, exercendo múltiplas funções positivas. Na medida em que seriam menos pretensiosas, ao lidar com aspectos bem delimitados dos fenômenos sociais, não adviriam de uma única e abrangente teoria, apesar de seu amplo desenvolvimento conduzir a uma teoria geral. Elas também poderiam compreender ou coadunar teorias que fossem destoantes, superando o “[...] conflito teórico entre nomotético [relativo a elaboração de leis] e idiotético [relativo ao que vem do sujeito] entre o geral e o componente particular, entre teoria sociológica generalizadora e o historicismo”⁷.

As teorias de médio alcance, desse modo, surgem como panacéia para o desenvolvimento científico da sociologia no pensamento de Merton⁸. Além dessas funções derivadas, a questão principal defendida é o seu valor teórico de criar problemas característicos para a investigação sociológica, permitindo a investigação empírica. Trata-se de um conjunto de pressupostos que engendram logicamente hipóteses específicas a serem testadas empiricamente, ultrapassando simples descrições ou generalizações empíricas. Encontrando uniformidades poder-se-ia, ai sim, almejar uma teoria mais geral ou leis científicas, pois, como ciência, a sociologia deve satisfazer os cânones científicos, competindo-lhe antes desenvolver teorias especiais aplicáveis a objetos conceituais limitados.

Outra função e, certamente, mais ideológica - no sentido de reprodutora de determinados interesses objetivos condizentes ao *status quo*, ou legitimadora da *aparência socialmente necessária* - atribuída por Merton⁹ à *teoria de médio alcance* é a de eliminar as expectativas e pressões utilitárias do conhecimento sociológico. A pretensa ambição de a sociologia fornecer uma teoria geral para a sociedade engendraria o equívoco em certos sociólogos de acreditarem que a sociologia estaria em condições de satisfazer as demandas práticas que lhe são impostas de fora. Convencionou-se acreditar que a sociologia ofereceria soluções aos problemas sociais, no entanto, o conhecimento científico possui diferentes probabilidades de ser apropriado e os problemas práticos particulares teriam potenciais diversos de relevância. Essa concepção¹⁰, invocando também autonomia, objetividade e desinteresse do cientista, é a fonte de legitimação ou racionalização do desengajamento do mesmo até os dias atuais, em muitos discursos pretensamente científicos nas ciências sociais.

⁷Idem, p.56

⁸Idem.

⁹Idem.

¹⁰“A orientação de médio alcance envolve a especificação de ignorância. Em vez de proclamar um conhecimento que está de fato ausente, reconhece expressamente o que ainda deve ser aprendido, a fim de preparar os fundamentos para um conhecimento ainda maior. Não pretende estar capacitada a desempenhar a tarefa de fornecer soluções teóricas para os problemas práticos do dia, mas dirige-se àqueles problemas que agora possam ser esclarecidos à luz do conhecimento disponível!” (MERTON, 1968, p. 79).

Corroborando seu argumento, Merton¹¹ postula que o condicionamento da ciência pela sociedade ocorre por meio de fatores políticos capazes de assegurar ou não a autonomia da ciência perante as demais instituições sociais, de onde o autor supõe que as democracias ofereceriam melhor desenvolvimento para a ciência. Esse condicionamento também se valeria de determinados valores culturais que motivam as carreiras científicas. Em face de duas tendências conflitantes, uma que defende o utilitarismo da ciência e outra que prega a sua pureza, Merton¹² posiciona-se em favor das determinações institucionais da ciência, apontando seus condicionantes e suas demandas para melhor desenvolvê-la. O *ethos*¹³ da ciência é um conjunto de valores imanentes à prática científica que possibilitam a função de verificar as teorias pela sua objetividade, ou seja, sua consistência lógica e factual, pois a ciência é uma atividade pública devendo ser passível de teste por todos aqueles que se dispuser a tanto, pois as proposições científicas devem ser invariáveis.

Afirmar que FF tenha compartilhado, inicialmente, determinados pressupostos desenvolvidos por Robert Merton – sendo eles a concepção de teorias de médio alcance e o *ethos* da ciência – requer determinados cuidados para não incorrer no erro de escamotear a fecundidade do projeto científico-político de sociologia de FF. Posto que se trata de um autor bastante perspicaz e que não pode ser reduzido a uma ou outra contribuição teórica, tendo em vista a originalidade de seu trabalho. Nesse sentido, esses elementos compartilhados, num primeiro momento, por FF com Merton devem ser compreendidos como um horizonte por meio do qual o sociólogo paulista desenvolveu o seu projeto de fundar uma sociologia científica no Brasil.

Sociologia: a consciência científica da sociedade de classes

Esfera cultural da ciência e da civilização ocidental, a sociologia transcende o ponto de vista comum ou médio da sociedade por ser “[...] o estudo metódico dos fenômenos sociais, segundo as regras de observação e de explicação científicas [...]”¹⁴. O ponto de vista sociológico fornece um conjunto de categorias intelectuais e uma visão autêntica da realidade social, prepara e predispõe o sociólogo ao seu *métier*, é “a perspectiva racional de observação e de interpretação dos fenômenos sociais”¹⁵. As teorias sociológicas não são determinadas pela estrutura social, mas

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ “O *ethos* da ciência é esse complexo de valores e normas afetivamente tonalizado que se considera como constituindo uma obrigação moral para o cientista” (MERTON, 1968, p. 652). É um conceito que se refere à estrutura cultural da ciência ou a seu entendimento institucional, fornecendo-lhe base racional. O *universalismo* remete ao plano impessoal da ciência, sua objetividade que exclui todo particularismo. O *comunismo* refere-se à comunicação dos resultados obtidos pelos cientistas, ao caráter público desse conhecimento. O *desinteresse* asseguraria a integridade do cientista, controlaria suas motivações. Por fim, o *ceticismo organizado*, embora possa ameaçar as instituições vigentes, é a etapa primordial da elaboração científica, pois discute aquilo que parece ser óbvio.

¹⁴ FERNANDES, Florestan. O problema do método na investigação sociológica. *Sociologia*. IX, n4, 1947.p. 337.

¹⁵ FERNANDES, Florestan. *Fundamentos empíricos da explicação sociológica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. p. 51

dependem do condicionamento ideológico (propósitos) do sujeito do conhecimento e da escolha de suas ferramentas de investigação social. A implicação fundamental do posicionamento de Florestan Fernandes é que existe um caráter complementar das diferentes teorias sociológicas e, quanto mais critérios elencados para abordá-las, maiores seriam as chances de desenvolvê-las, tendo em vista pesquisas empíricas¹⁶.

Florestan Fernandes expõe, em linhas gerais, o esboço de seu projeto de sociologia científica, para o qual, inspirado na identificação entre método lógico e método histórico por Marx, exposto no livro *Contribuição à Crítica da Economia Política*, há um interesse em subsumir as mais diversas contribuições teóricas e metodológicas da sociologia em função da finalidade de legitimá-la cientificamente, tendo em vista a aplicação dos conhecimentos sociológicos ao estudo positivo da sociedade, cujo aproveitamento prático institucional possibilitaria o controle racional dos processos sociais. Todavia, nesse momento inicial, a absorção prática desse conhecimento é apresentado como algo incerto, demandando “uma série de mudanças apreciáveis no sistema organizatório das sociedades ocidentais”¹⁷.

Por coincidente que seja à hipótese de Merton, segundo a qual em vista da autonomia da ciência mediante as demais instituições sociais as democracias ofereceriam melhor desenvolvimento para a ciência e seus efeitos sobre a sociedade, FF¹⁸ tinha em vista o horizonte político da democracia e autonomia nacionais. Pois, para ele, “[...] o caráter político da intervenção da sociologia é moldado segundo as possibilidades de absorção do conhecimento científico pelo estabelecimento da Ordem Social Capitalista”.¹⁹ Apesar da inexistência de condições favoráveis à aplicação do conhecimento sociológico na organização social da sociedade brasileira daquele contexto, parece existir um dilema mal resolvido no desafio de FF de fundar uma sociologia científica. Ele reapareceria posteriormente como tensão em seu pensamento, por meio do debate intelectual com Guerreiro Ramos e no contexto de fatos históricos da sociedade brasileira que tiveram impacto na sua trajetória intelectual. O dilema consiste na relação entre teoria e prática ou quanto à possibilidade ou não de aplicação dos conhecimentos sociológicos.

Na condição de orador da turma formada no ano de 1947 pela ELSP, FF escreve seu discurso proferido em 1948, intitulado *Considerações Sobre os Estudos Sociais no Brasil*, na perspectiva das instituições que o abrigaram no período de sua formação, a ELSP e a USP,

¹⁶ Para Florestan Fernandes, o problema consistia “[...] na revisão crítica dos fundamentos teóricos da sociologia. Seria preciso extrair, das teorias sociológicas [...] o conteúdo positivo representado na contribuição concreta de cada uma para o desenvolvimento da sociologia como ciência [...]” (FERNANDES, 1947, p.336).

¹⁷ FERNANDES, Florestan. O problema do método na investigação sociológica. *Sociologia*. IX, n4, 1947. p.344

¹⁸ Idem.

¹⁹ MARTINS, Tatiana Gomes. **Raízes da sociologia brasileira: Florestan Fernandes e a questão do intelectual**. Dissertação de mestrado. Campinas:UNICAMP/IFCH, 2002

resultantes do projeto de “comunhão paulista²⁰”, as quais estariam produzindo os “primeiros frutos sazonados²¹”. FF²² argumenta pelo abandono dos ideais de ação dos autores clássicos da sociologia em nome do *espírito científico*, para o qual a prática converte-se em um momento do processo de elaboração do conhecimento social, no sentido de confirmar experimentalmente a teoria pela empiria através de procedimentos adequados. Isso o leva a defender a *ciência como vocação* ante o *charlatanismo científico* e a prescrever os papéis do sociólogo no âmbito do método (técnica e lógica), derivando funções da sociologia em termos de conhecimento científico, transmissão desses conhecimentos e formação ética. Evidenciam-se hiatos entre teoria e prática, ciência e política, sujeito e objeto, e a presença de um “*ethos científico*”, que seriam gradativamente questionados e superados pelo autor ao longo de sua trajetória intelectual.

Por outro lado, já no ano de 1950 numa comunicação denominada *A Aplicação dos Conhecimentos Sociológicos às Relações Internacionais*, apresentada ao I Congresso Internacional de Sociologia, realizado na Suíça pela Associação Internacional de Sociologia, Florestan Fernandes vai questionar alguns desses elementos como o “padrão de trabalho científico da era liberal”, a defesa da neutralidade, a não tomada de posição política pelos sociólogos e a condenação do uso de conhecimentos sociológicos em nome da ética científica. A sociologia aplicada, “a forma científica de aproveitamento prático dos conhecimentos sociológicos”²³, abriria novas perspectivas para a sociologia e também para o autor. Há uma nítida preocupação com os conhecimentos produzidos e também aos fins a que são voltados, sua ressonância na sociedade através de canais de aproveitamento e a transformação do conhecimento em força social.

Desconsiderando o *ethos* da ciência descrito por Merton, mas mantendo a concepção de objetividade e universalidade do conhecimento, Florestan Fernandes²⁴ (1950) aproxima -se de Mannheim e da concepção de *Intelligentsia*, defendendo a racionalização total da pesquisa

²⁰ Sobre a criação da USP e os interesses que tiveram em jogo na sua criação ver: CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. **A Universidade da Comunhão Paulista**. São Paulo: Cortez, 1982. O movimento de reformas educacionais, nas décadas de 1920 e 1930, somado aos interesses da oligarquia paulista após a derrota da Revolução Constitucionalista fizeram com que a elite paulista buscasse se fortalecer no plano da cultura criando a USP. Apesar da intenção instrumental de formar novos quadros dirigentes do país, conforme esta autora, as missões teriam neutralizado as intenções do projeto político-ideológico do grupo O Estado de S. Paulo. Sylvia Gemignani e Maria Arminda (2003), apontam um resultado parecido em relação à ELSP e sua orientação elitista e utilitária, que muda de orientação, a princípio através de uma “virada temática” – assim considerada por Antônio Cândido – com a publicação de pesquisas sobre o operariado paulista e os lixeiros de São Paulo, respectivamente, pelos professores Horace B. David e Samuel H. Lowrie. As contratações dos docentes Donald Pierson, Emílio Willems e Herbert Balduz, teriam trazido um padrão acadêmico que a instituição não dispunha e cujas referências maiores seriam dadas pela Escola de Chicago. Ver: ARRUDA, M. A.; GARCIA, S. G. **Florestan Fernandes: mestre da sociologia moderna**. Brasília: CAPES, 2003.

²¹ Sobre a criação das ciências sociais no Brasil, ver: NOGUEIRA, Oracy. “A sociologia no Brasil”. In: FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (coord.) **A história das ciências no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1981. P.183-234; PEREIRA de QUEIROZ, Maria Isaura. **Desenvolvimento das ciências sociais no Brasil: nascimento e expansão**. Ci&Trop. Recife, v20, n2, 1992, p. 387-412; CANDIDO, A. A sociologia no Brasil. **Tempo social**, São Paulo, v.18, n.1, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000100015&lng=pt&nrm=isso>. Acesso em 01 Set de 2006; MICELLI, Sérgio. **A história das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré, 2001. Tomo I e II.

²² FERNANDES, Florestan. Considerações sobre estudos sociais no Brasil. **A sociologia no Brasil**. 2ed. Petrópolis: Vozes.

²³ FERNANDES, Florestan. Aplicação dos conhecimentos sociológicos às relações internacionais. **Sociologia** XII, n3, 1950 p.228)

²⁴ Idem.

científica e da produção aos fins possíveis dos resultados de suas investigações. A transformação das relações entre ciência e sociedade no século XX, no sentido da organização das atividades científicas, divisão do trabalho e especialização, propiciaram condições de aproveitamento da pesquisa científica pelas tecnologias, o que poderia ocorrer também com as ciências sociais através do planejamento racional. Mas, a integração da sociologia ao sistema sócio-cultural e político, apesar de ser um processo em fluxo, incorreria em demora cultural. Desse modo, FF parece abandonar a teoria tradicional no seu padrão liberal ao estabelecer papéis normativos para os intelectuais, para além do processo de conhecimento, de modo que exercessem influência ativa no reconhecimento social dos papéis práticos oferecidos pela sociologia. Isso faria dos sociólogos observadores participantes dos processos sociais apoiados por conhecimentos objetivos, trazendo um ajustamento da sociologia à sociedade sem corromper os fundamentos do método científico.

Por meio desse avanço e com base nessas considerações, FF²⁵ define a sociologia como "consciência científica da sociedade de classes", da qual emergiu como forma de explicação objetiva da cena social, de suas tendências de transformação. O ponto de vista sociológico estaria suscetível de ser posto à prova ou em prática na consideração dos problemas sociais. No entanto, o dilema das relações entre teoria e prática e dos conhecimentos sociológicos com a sociedade ainda não se resolve nesse momento de sua obra, que se volta para preocupações universalistas concernentes à sociologia, de legitimar-se enquanto disciplina empírica autônoma por meio de um padrão de trabalho científico próprio, no qual teoria e pesquisa se enlaçassem.

O prestígio adquirido pelo método funcionalista nas décadas de 40 e 50 do século passado nos meios sociológicos, e a problemática das relações entre teoria e pesquisa, não obstante a diversidade de temas a que se voltam as publicações do autor nesse período, revelam um profícuo diálogo de FF com os grandes centros estrangeiros de produção sociológica. Ao que parece, seu debate intelectual com Guerreiro Ramos, iniciado em 1953 durante o II Congresso Latino-Americano de Sociologia e que vai até 1968, teve um importante papel de esclarecimento pessoal para Florestan Fernandes, muito embora tenha permanecido crítico de seu adversário.

A passos curtos, o sociólogo paulista abandonou o "*ethos* científico" em direção à "*Intelligentsia*", concentrando seus esforços nas condições do subdesenvolvimento brasileiro, no equacionamento de dilemas sociais e obstáculos históricos por meio de investigações empíricas rigorosas em um novo quadro de referência, a sociologia aplicada. Ou seja, trata-se de privilegiar a intervenção racional na sociedade como fator de controle e verificação do conhecimento sociológico, fator de *mudança provocada*. Mas, nos limitaremos a apontar essas nuances em sua obra, restringindo-nos aos elementos que a antecedem.

²⁵ FERNANDES, Florestan. O significado das ciências sociais no mundo moderno, **Filosofia, Ciências e Letras**, São Paulo, FFCL/USP, 13, 1951.

A função diferencial da sociologia de Florestan Fernandes

Dissemos que Florestan Fernandes conferiu um fundamento à sociologia no Brasil por ter elaborado uma teoria da investigação sociológica que colocou em prática, posicionando-se como sujeito-investigador dotado de autonomia teórica, justificada pela complementaridade dos modelos explicativos quando considerados em conjunto. Mas sua autonomia teórica está subsumida ao ponto de vista sociológico, perspectiva científica, empírica, indutiva, e explicativa que, num primeiro momento, para ele, encerrava-se no processo de conhecimento e seus limites formais objetivos de verificação de verdade. Além de estabelecer um franco diálogo com a problemática sociológica em voga no seu tempo, as exigências de cientificidade em sua obra remetem também ao diagnóstico que faz do desenvolvimento cultural e intelectual brasileiro à luz do desenvolvimento histórico-social²⁶, creditando na ciência, por si mesma, um fator de mudanças cultural e social provocadas²⁷, cujos efeitos positivos ressoariam na visão social de mundo, na renovação de meios e fins da educação e na solução de problemas técnicos, econômicos e humanos.

Cabe, porém, salientar o fato de que a elaboração de uma teoria da investigação sociológica por FF é consequente a uma formação tanto em pesquisa quanto em teoria a qual ele soube muito bem aproveitar, aliando o preparo oferecido pelos professores estrangeiros tanto na USP como na ELSP, e as especificidades oferecidas por essas instituições, tal como ele mesmo reconhece nos seus escritos auto-biográficos e auto-críticos²⁸. Nosso objetivo aqui não é repetir o autor, mas tão somente apresentar em linhas gerais sua proposta. Antes, é preciso ter em vista que o projeto científico-político de FF, a formulação de seus problemas e a elaboração de sua contribuição ocorrem no quadro de um desenvolvimento já esboçado pelos considerados clássicos do pensamento sociológico, havendo um corpus de conceitos e de teorias já desenvolvidos. Isso é explicitamente reconhecido pelo autor, que, conforme dito, identificava-se com a problemática da segunda geração de sociólogos do século XX.

A solução oferecida por FF²⁹ (1959) para a bifurcação entre teoria e pesquisa funda-se no argumento de que esse problema, antes de tudo, seria lógico e não apenas científico, o que o conduz a investigar e incorporar em sua teoria da investigação sociológica o modo pelo qual os três autores clássicos das ciências sociais fundamentaram empiricamente suas explicações, atentando

²⁶ Ver: **A Etnologia e a Sociologia no Brasil**, São Paulo: Anhembi, 1958. Os capítulos: “Tendências da moderna investigação etnológica no Brasil”, “Ciência e sociedade na evolução social do Brasil”; **A Sociologia no Brasil**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1980. O capítulo: “Desenvolvimento histórico-social da sociologia no Brasil”. Esse diagnóstico remete ao problema da transição para a sociedade de classes e a “dependência cultural” nos termos de uma mentalidade ou herança sócio-cultural de obstáculo para os ideais de modernidade no país, e o registro da carência de recursos racionais de pensamento e ação da sociedade brasileira na década de 1950, sob o prisma espacial da cidade de São Paulo.

²⁷ Idem.

²⁸ Ver: **A Sociologia no Brasil**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1980; Sobre o trabalho teórico (entrevista). **TRANS/FORM/AÇÃO**. FFCL. Assis, n2 – 1975, p.5-86.

²⁹ FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

para a complementaridade entre inferências indutivas e dedutivas, embora mantendo a indução como pedra de toque de toda ciência. Muito embora a solução de FF abranja a indução qualitativa e quantitativa, limitamos a apresentar a primeira, uma vez que a indução qualitativa é a que orientou seu trabalho intelectual, envolvendo: 1- as pretensões interpretativas; 2- a complexidade dos fenômenos a serem explicados; 3- a variedade de problemas suscitados pelas pretensões interpretativas.

Florestan Fernandes aborda o critério explicativo como eixo horizontal de convergência entre Marx, Weber e Durkheim, mas reconhece as particularidades, os problemas teóricos e materiais empíricos específicos invocados pelos modelos explicativos desses autores que, sob esse prisma, fundamentariam um padrão de trabalho próprio da sociologia, em contraste com os esquemas explicativos das ciências naturais. O ponto de vista sociológico seria o eixo vertical que subsumiria as possibilidades fundamentais de formação de inferências indutivas (qualitativas) na sociologia, a partir da explicação empírica, eixo horizontal de convergência dos autores clássicos.

Por meio dessa solução, FF³⁰ elabora um princípio peculiar ao seu trabalho intelectual, a plasticidade do método, entendido como processo no sentido técnico (método de investigação) e lógico (método de interpretação), perante seu objeto. Ora, cada modelo explicativo volta-se para uma dimensão do real através de problemas teóricos e empíricos específicos, abarcando um determinado aspecto ou ordem de problemas sociológicos. A idéia dos tipos esquemáticos (tipo ideal, tipo médio e tipo extremo) é a de uma construção mental que apreende o essencial das evidências empíricas a fim de interpretá-las e obter uma explicação generalizadora. Codificada sociologicamente por FF, possibilita com que, de acordo com os problemas colocados, "variam os fenômenos que precisam ser investigados e as técnicas de sua manipulação".³¹ A formulação do quadro referencial, definição e problematização do sujeito-investigador o conduz ao objeto, ao método de investigá-lo de interpretá-lo e explicá-lo.

Segundo FF³², o *métier* científico nas ciências sociais se divide em etapas interdependentes e complementares, cada qual com suas especificidades e exigências. A explicação científica nas ciências sociais parte de um longo processo de definição, observação, análise, reconstrução (descrição interpretativa) das instâncias empíricas. Interessado pela explicação, FF submete tanto a descrição quanto a interpretação a ela, apontando dois tipos complementares de conhecimento social – explanação descritiva (reconstrução da base empírica) e explanação interpretativa (síntese teórica).

Após definido o problema, tendo o sujeito-investigador clareza do que pretende

³⁰ Idem.

³¹ Idem, p. 146

³² Idem.

explicar, impõe-se lidar com os dados. Porém, a matéria prima do conhecimento científico precisa ser elaborada, analisada, reconstruída através de “tipos empíricos”, construção objetiva onde se apresentam as propriedades dos fenômenos e seu modo de manifestação, para que se tornem passíveis de manipulação científica. Identifica-se e se elimina o contingente atendo-se às regularidades essenciais que caracterizam a manifestação do objeto em questão. Analisa-se a “consistência dos diferentes tipos de informações e do grau de complementaridade delas no universo empírico observado”³³, em vista de sistematizá-las e classificar as “instâncias empíricas relevantes” ou significativas para a explanação dos fenômenos. Trata-se de obter uma representação analítica como reconstituição das propriedades do objeto.

A definição e exploração de um sistema restrito de referência empírica, a obtenção do “tipo empírico” através do “método de explanação monográfico” seria uma tarefa basilar da explicação científica. Por meio dela unificam-se os resultados da análise empreendida, descrevem-se “de modo unívoco e sintético, as condições concretas de produção dos fenômenos sociais, e de explicá-los tendo em vista as variáveis que operam através delas”³⁴. A mera caracterização empírica dos fenômenos sociais não seria uma forma de *explanação descritiva*, uma vez que esse tipo de conhecimento deve combinar análise e interpretação. Ela se efetiva por meio da reconstrução de uma pequena totalidade, vista como integrada, interdependente e dinâmica³⁵, é uma explanação, simultaneamente, descritiva e interpretativa da realidade, que indica a ocorrência das propriedades do objeto. Ela possibilita a indução, a síntese de evidências empíricas, a passagem do concreto ao abstrato de acordo com os interesses interpretativos do sujeito-investigador.

A explanação interpretativa opera diretamente sobre a base empírica ou o “tipo empírico” obtido mediante a explanação descritiva, isolando os fatores e condições que possuem significação interpretativa para explicá-la mediante o “tipo esquemático” adequado, atendo-se às determinações que possibilitam a manifestação do objeto. Trata-se da *passagem para as formas mais abstratas e gerais de explicação dos fenômenos*, o tratamento dos “tipos empíricos” à luz de conexões de sentido, funções ou estruturas. A técnica interpretativa independe se suas proposições advenham de exigências empíricas ou da escolha do sujeito-investigador, pois volta-se para a “natureza das relações das variáveis entre si e nos efeitos constantes ou instáveis delas, que parecem possuir maior importância para a explicação da totalidade reconstruída”³⁶.

Assim, a teoria da investigação sociológica de FF apresenta procedimentos necessários para a elaboração do conhecimento científico, conforme um sistema referencial, onde se prioriza

³³Idem, p.10

³⁴FERNANDES, Florestan. **Fundamentos empíricos da explicação sociológica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. p.

34

³⁵Ver: *Tendências Modernas da Investigação Etnológica no Brasil (Etnologia e Sociologia no Brasil); Organização social dos tupinambás; Função social da guerra.*

³⁶Idem p.36

delimitações estritas, tratamento técnico e empírico rigoroso para se construir *noções exatas ou* conceitos heurísticos por meio de *fatos precisos*, o que se dá no registro das *teorias de médio alcance*. A *observação* faz uso de hipóteses provisórias e técnicas adequadas aos problemas investigados, a *reconstrução* do objeto se valeria de tipos empíricos, da descrição interpretativa de seus caracteres e relações essenciais, ao passo que a *explicação* voltar-se-ia para o nível mais abstrato do conhecimento, embora deva estar fundamentada empiricamente. O conhecimento resultante da indução qualitativa³⁷ vai do *concreto* ao *abstrato* num processo lógico indutivo; do *problema*, definido teoricamente, ao *fato* definido empiricamente; deve contemplar a interdependência recíproca existente na explicação histórica de *fatores essenciais* e *fatores fortuitos*.

Com isso, FF encontrou um meio de aliar a pesquisa empírica à teoria, oferecendo uma solução técnica e lógica ao processo de conhecimento na sociologia a partir dos procedimentos explicativos oferecidos pelos três clássicos da sociologia ao problema da indução, numa perspectiva de legitimação científica de uma disciplina empírica autônoma, cuja relação com a prática é tida no âmbito do processo de conhecimento da realidade. Ao que parece, a passos curtos, o sociólogo paulista abandonaria o "*ethos científico*" aproximando-se da "*Intelligentsia*". Valendo-se de Karl Mannheim e das críticas de Guerreiro Ramos ao seu projeto, FF apresenta um novo quadro referencial, o desenvolvimento da sociologia aplicada.

³⁷ Ver: MARIOSA, Duarcides Ferreira. **Florestan Fernandes e a sociologia como crítica dos processos sociais**. Tese de doutorado. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2007.